

1

Era o período mais atarefado da hora de almoço na cantina do pessoal do Frankenberg's.

Não havia espaço em nenhuma das mesas compridas. Ao longo do balcão, que se estendia como uma trincheira de madeira junto à máquina registadora, ia chegando cada vez mais gente, à espera de ser atendida. Quem já tinha as bandejas com o almoço vagueava por entre as mesas, à procura de um lugar onde se pudesse sentar, ou então de um lugar que alguém tivesse deixado livre. Mas não havia lugares. O barulho dos pratos, das cadeiras, das vozes, dos pés a arrastarem-se e o matraquear dos torniquetes na cantina de paredes vazias era como o zunir de uma única e gigantesca máquina.

Therese comia nervosamente, com o folheto “Bem-vindo ao Frankenberg's” à sua frente, encostado a um açucareiro. Na semana anterior, no primeiro dia de formação, tinha lido todo o folheto, que era grosso; mas hoje não trouxera consigo nada que pudesse ler, e ali, na cantina do pessoal, sentia a necessidade de se concentrar em qualquer coisa. Leu, por isso, mais uma vez, o que vinha no folheto sobre os benefícios de férias, sobre as três semanas de férias dadas às pessoas que tivessem trabalhado no Frankenberg's durante quinze anos, e comeu o prato quente do dia — uma fatia acinzentada de rosbife com puré de batata em forma de bola, coberta por um molho castanho, um monte de ervilhas e um minúsculo copo de papel com rábano lá dentro. Tentou imaginar o que seria ter trabalhado durante quinze anos na secção de vendas do Frankenberg's, e achou que jamais o conseguiria fazer. “Vinte e cinco anos de casa”, dizia o folheto, da-

vam direito a quatro semanas de férias. Os armazéns também tinham campos de férias, de Verão e de Inverno. Deviam ter até uma igreja, pensou ela, e um hospital, para os bebês que nascessem. Tudo estava organizado como se fosse uma prisão. De vez em quando, a ideia assustava-a — pensar que fazia parte daquilo.

Foi virando as páginas rapidamente, e leu em letras gordas e carregadas: “*Você tem estofo para o Frankenberg’s?*”

Olhou à sua volta, para as janelas, e tentou pensar noutra coisa. Na bela camisola norueguesa, em preto e vermelho, que vira na Saks e que talvez comprasse para dar a Richard no Natal, se não conseguisse encontrar uma carteira mais bonita do que aquelas que tinha visto à venda por vinte dólares. E na hipótese de ir de carro com os Kellys até West Point, no domingo, para assistir a um jogo de hóquei.

A grande janela quadrada parecia uma pintura de — como era? Mondrian. A pequena secção quadrada da janela, no canto, abria-se a um céu branco. Sem pássaros que entrassem ou que saíssem, a voar. Que tipo de cenário se podia fazer para uma peça cuja acção tivesse lugar nuns armazéns como estes? Therese voltou outra vez à realidade.

Mas é tão diferente contigo, Terry, tinha-lhe dito Richard. Tu tens a certeza absoluta de que te livras disto daqui a umas semanas, os outros, não. Richard dissera que ela podia estar em França no Verão seguinte. Que havia de estar. Richard queria que ela fosse com ele, e não havia nada que a impossibilitasse de ir com ele. E o amigo de Richard, Phil McElroy, tinha escrito a Richard, dizendo-lhe que talvez conseguisse arranjar um emprego para Therese num grupo de teatro, no próximo mês. Ela não tinha ainda conhecido Phil, mas não acreditava muito que ele lhe pudesse arranjar um emprego. Passara a pente fino toda a cidade de Nova Iorque, fizera-o várias vezes, mas não encontrara nada. Quem daria um emprego a meio do Inverno a uma aprendiz de cenografia, que estava ainda a começar a ser uma aprendiz? Também não lhe parecia real que fosse estar com Richard na Europa no Verão seguinte, sentada com ele numa esplanada, passeando a seu lado em Arles, encontrando os lugares que Van Gogh tinha pintado, ela e Richard a escolherem as cidades onde pudessem ficar durante algum tempo, a pintar. E isso parecia ainda menos real nestes últimos dias em que ela tinha estado a trabalhar nos armazéns.

Sabia o que a perturbava nos armazéns. Era o tipo de assunto de que nunca falaria a Richard. Que os armazéns tornavam mais intensas as coisas que sempre a tinham perturbado, desde que se lembrava. Eram os gestos insignificantes e supérfluos, as tarefas sem sentido, que pareciam impedi-la de fazer o que queria fazer, o que podia ter feito. E depois era todo o arsenal de procedimentos: os sacos de moedas, a revista aos casacos, e os relógios de ponto que impediam as pessoas de estarem ao serviço dos armazéns de uma forma mais eficiente — a sensação de que ninguém comunicava com ninguém, que toda a gente vivia num plano totalmente errado, de tal forma que o sentido, a mensagem, o amor, ou o que quer que cada vida contivesse, não conseguisse nunca encontrar expressão. Recordava-lhe conversas tidas à volta de mesas, ou em sofás, com pessoas cujas palavras pareciam pairar sobre coisas mortas e inertes, pessoas que nunca tocavam uma única corda que tangesse. E, quando se tocava uma corda viva, era como se se vissem máscaras à frente de faces, tecendo observações tão perfeitas na sua banalidade, que nem sequer se podia acreditar que essas observações fossem um subterfúgio. E havia ainda a solidão, aumentada pelo facto de que dentro dos armazéns se viam sempre os mesmos rostos, dia após dia, os poucos rostos de pessoas com quem se podia alguma vez ter falado, mas a quem nunca se tinha falado, ou a quem nunca se tinha podido falar. Não como o rosto no autocarro que passa, aquele que parece falar, mas que se vê uma só vez e que depois, pelo menos, desaparece para sempre.

Todas as manhãs, na fila, em frente do relógio de ponto que ficava na cave, os seus olhos separando, sem querer, os funcionários efectivos dos funcionários a prazo, perguntava a si mesma como tinha acabado por aterrar ali — é claro que respondera a um anúncio, mas isso não era explicação para o destino — e o que haveria de vir a seguir, em lugar de um emprego como cenógrafa. A vida dela era uma série de linhas sinuosas. E, aos dezanove anos, o que sentia era ansiedade.

“Tens de aprender a confiar nas pessoas, Therese. Lembra-te disso”, tinha-lhe dito muitas vezes a irmã Alicia. E muitas vezes, demasiadas vezes, Therese aplicara-se em o fazer.

“Irmã Alicia”, sussurrou ela, devagar, cuidadosamente, sentindo a sílaba sibilante a confortá-la.

Therese sentou-se outra vez e pegou no garfo, porque o rapaz que levantava os pratos vinha na sua direcção.

Podia ver o rosto da irmã Alicia, de ossos salientes, avermelhado como uma rocha cor-de-rosa iluminada pelo sol, e a onda azul engomada do seu peito. A figura grande e ossuda da irmã Alicia, surgida da esquina de um corredor, por entre as mesas de esmalte branco do refeitório. A irmã Alicia em mil lugares, os olhos pequenos e azuis encontrando-a sempre entre as outras raparigas, vendo-a, Therese sabia-o, de forma diferente daquela como via as outras raparigas; e, todavia, os róseos lábios, muito finos, sempre mantidos na mesma linha firme e direita. Podia ver a irmã Alicia oferecendo-lhe, quando ela tinha feito oito anos, as luvas verdes tricotadas, embrulhadas num pano, dando-lhas de forma directa, sem quase uma palavra. A irmã Alicia a dizer-lhe, com a mesma boca firme e direita, que ela tinha de passar na Aritmética. Quem mais se havia preocupado em que ela passasse na Aritmética? Therese guardara durante anos aquelas luvas verdes, no fundo do cacifo de alumínio da escola, muitos anos depois de a irmã Alicia ter ido para a Califórnia. O pano branco que as envolvia tornara-se mole e quebradiço como um tecido antigo, mas, mesmo assim, ela nunca usara as luvas, que finalmente tinham ficado demasiado pequenas para lhe servirem.

Alguém desviou o açucareiro, fazendo tombar o folheto que estava encostado a ele.

Therese olhou para as mãos à sua frente, do outro lado da mesa, as mãos gordas de uma mulher de idade. Essas mãos mexiam o café, e agora, com uma avidez trémula, partiam um pãozinho ao meio, mergulhando metade, gulosamente, no molho castanho do prato, que era idêntico ao de Therese. As mãos estavam gretadas, notava-se a sujidade nas dobras paralelas das articulações, mas a mão direita ostentava um anel de filigrana em prata, com uma pedra verde e transparente, e a esquerda tinha uma aliança de ouro, e havia traços de verniz vermelho nos cantos das unhas. Therese viu a mão erguer um garfo cheio de ervilhas, e não precisou de olhar para aquele rosto para saber como seria. Seria como todos os rostos das mulheres de cinquenta anos a trabalhar no Frankenberg's, atacadas pelo terror e por uma exaustão sem fim, os olhos distorcidos por detrás de lentes que aumentavam ou diminuía as coisas, a cara coberta de um *rouge*

que não conseguia tornar mais luminosa a lividez das faces. Therese não conseguiu continuar a olhar.

“É nova aqui, não é?” A voz era aguda e clara por entre o ruído, uma voz quase doce.

“Sou”, respondeu Therese, e levantou os olhos. Lembrou-se do rosto. Era o rosto cuja exaustão a tinha feito ver todos os outros rostos. Era a mulher que Therese tinha visto a descer lentamente as escadas de mármore, vinda da sobreloja, por volta das seis e meia da tarde, quando os armazéns estavam vazios, deslizando as mãos pelo largo corrimão de mármore, de forma a aliviar algum peso dos pés com joanetes. Therese pensara: não está doente, não é uma mendiga, trabalha aqui, só isso.

“Está a dar-se bem?”

E ali estava a mulher, sorrindo-lhe, as mesmas pregas horríveis debaixo dos olhos e à volta da boca. Os olhos dela agora pareciam de facto vivos, e até afectuosos.

“Está a dar-se bem?”, repetiu a mulher, pois havia um enorme barulho de vozes e de pratos à volta delas.

Therese humedeceu os lábios.

“Estou, obrigada.”

“Gosta de estar aqui?”

Therese fez que sim com a cabeça.

“Já acabou?” Um homem jovem, de avental branco, agarrou no prato da mulher com o polegar em riste.

A mulher fez um gesto trémulo e desinteressado. Puxou o pires de pêssegos em calda para junto de si. Os pêssegos, como pequenos peixes cor de laranja e escorregadios, resvalavam da colher de cada vez que esta era erguida, menos aquele pêssego que a mulher iria comer.

“Trabalho no terceiro andar, na Secção das Camisolas”, disse a mulher, com uma incerteza inquieta, como se estivesse a tentar entregar uma mensagem antes que as separassem, ou lhes cortassem a comunicação. “Se precisar de perguntar qualquer coisa, suba e venha falar comigo. Chamo-me Mrs. Robichek, Mrs. Ruby Robichek, 544.”

“Muito obrigada”, respondeu Therese. E de súbito a fealdade da mulher desapareceu, porque os seus olhos de um tom castanho-avermelhado, por detrás dos óculos, eram gentis, e mostravam interesse por ela. Therese sentia o coração a bater, como se tivesse voltado à vida.